

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

◁▷↖↗↘↙⊙⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿⋀⋁⋂⋃⋄⋅⋆⋇⋈⋉⋊⋋⋌⋍⋎⋏⋐⋑⋒⋓⋔⋕⋖⋗⋘⋙⋚⋛⋜⋝⋞⋟⋠⋡⋢⋣⋤⋥⋦⋧⋨⋩⋪⋫⋬⋭⋮⋯⋰⋱⋲⋳⋴⋵⋶⋷⋸⋹⋺⋻⋼⋽⋾⋿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓖⓗⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓖⓗⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿

Quanto aos locais, as discrepâncias também abundam, limitando-nos aqui a mencionar alguns exemplos: no primeiro volume figura Abusir (p. 83), no segundo Abousiris (pp. 53, 146) e no terceiro Abousir (p. 62); Boubastis (I. p. 232) e depois Bubaste (II, p. 12); Gebelein (I, pp. 13, 14, 15, 25 e muitas outras) e Gébeleyn (II, pp. 34, 38, 42, etc., e também em III, pp. 45, 113, etc.); Hawara (II, pp. 146 e 236) passa a Hanara (III, p. 86); a localidade de Ashmounein (I, p. 19), a antiga Khmunu-Hermópolis onde se venerava Tot, é depois Achmunein (II, p. 12, 13, e outras); as pedreiras de Hatnoub (I, p. 220 e II, p. 124) vêm referenciadas como Hatimb no índice (II, p. 259); Ermant (I, p. 188) e depois Armant (II, p. 62, 86 etc.); Bousiris (I, p. 238) e Busiris (II, pp. 143, 162); Gizeh (I, pp. 13, 88 e outras), depois Giza (II, pp. 34, 46, 52, e outras), para passar a Gizâ (III, pp. 28, 33, 59, e muitas outras); uma anomalia que tipifica outras é a designação da fortaleza de Bouhen que aparece como Souhen (III, p. 90) e como Bouben (III, p. 88 e no índice, p. 259).

Algumas outras incorrecções podiam ter sido evitadas: Sahuré não foi o primeiro faraó da V dinastia (III, pp. 39 e 261, índice), mas sim Userkaf; Unas (III, p. 260, índice) não foi o quarto faraó da V dinastia mas sim o nono; Sekenenré (que em III, p. 142 vem como Seqnenre e na p. 261 passa a Seqnentra!) ficaria melhor indicado, no contexto, como faraó da XVII dinastia do que como príncipe; um anão era em egípcio chamado *deng*, ou *deneg*, e não *deleg* (I, p. 238); uma antiga imagem do Museu de Turim mostra a data de 1982 mas ela é obviamente da primeira metade do século XIX (III, p. 12). É pena o trabalho editorial de revisão e de uniformização onomástica não ter estado à altura da qualidade da Obra, deslustrando o bom leque de autores que colaboraram nas suas páginas, alguns dos quais são referência certa da actual egiptologia italiana.

Luis Manuel de Araújo

SERGIO DONADONI, SILVIO CURTO e ANNA MARIA DONADONI ROVERI, *L'Égypte du Mythe à l'Égyptologie*, Fabri Editori, Milão, Istituto Bancario San Paolo di Torino, Turim, 1990, 288 pp.

No âmbito do mecenático apoio do Istituto Bancario San Paolo di Torino à realização do VI Congresso Internacional de Egiptologia (Turim, de 1 a 8 de Setembro de 1991), às obras de remodelação do Museu

Egípcio de Turim e à edição de uma obra em três volumes dedicada à civilização egípcia, promoveu a referida instituição bancária, através da Fondazione San Paolo per la Cultura, la Scienza e l'Arte, a feitura do álbum que aqui recenseamos. Ele começa com um pequeno texto de Gianni Zandano, presidente do Istituto Bancario San Paolo di Torino, e com uma nota prévia de Anna Maria Donadoni Roveri, directora do Museu.

A Obra divide-se em três partes, desde “L'Égypte au cours des siècles” (pp. 11-103), “L'Égyptologie” (pp. 105-223) e “Le Musée Égyptien de Turin” (pp. 225-277), valendo, para além dos textos redigidos por três dos mais consagrados egiptólogos italianos, pela sua riqueza ilustrativa, com uma recolha do material iconográfico a cargo de Francesco Tiradritti (“L'Égypte au cours des siècles”) e de Laura Donatelli (“L'Égyptologie”). A tradução para francês do original italiano foi confiada a Anna Maria Arduini, Rosalma Cappellaro e Pierre Tromeur.

Sergio Donadoni é o autor da primeira parte, apresentando uma boa visão de “L'Égypte au cours des siècles”, que começa com a chegada dos Gregos ao Egipto a abrir caminho para Alexandre e a dinastia ptolemaica (pp. 12-26), depois os Romanos (pp. 27-39), passando pela Renascença, altura em que o passado histórico do Egipto e a escrita hieroglífica merecem a atenção de alguns eruditos (pp. 40-60), o período do barroco, durante o qual o jesuíta Athanasius Kircher se esforçou, em vão, por decifrar os hieróglifos (pp. 61-73). Termina com o século XVIII (pp. 74-103), quando o conhecimento ambíguo do Egipto mitificado se vai ordenando numa mais correcta visão, graças aos vários viajantes europeus que então iam dando notícia daquilo que observaram no país do Nilo. Até que, em 19 de Maio de 1798, Bonaparte larga de Toulon com uma frota carregada de soldados e algumas dezenas de sábios para conquistar e estudar o Egipto.

Silvio Curto abre o seu contributo sobre “L'Égyptologie” evocando a decisiva acção de Napoleão Bonaparte, primeiro sob o Directório, como general expedicionário ao Egipto, depois, já imperador, com o apoio que deu à *Description d'Égypte*, obra completa e “un monument de science comme il n'y en a pas beaucoup dans le monde”, com os seus nove volumes de texto e dez de ilustrações (“La naissance et les développements de l'Égyptologie”, pp. 106-114). Segue-se a actividade de recolha de materiais levada a cabo por Drovetti, o cônsul da França no Egipto (“Bernardino Drovetti: les collections et les musées”, pp. 115-123), tarefa

que muitos outros, entre a rapina e a destruição, irão levar a cabo antes da chegada dos egiptólogos ao terreno. Durante todo o século XIX vão-se constituindo grandes colecções de antiguidades egípcias presentes nos maiores museus da Europa (“La constellation des musées égyptiens”, pp. 124-130).

Com “Jean-François Champollion: la naissance de l’Égyptologie” (pp. 131-144) Silvio Curto recorda-nos a decifração da escrita hieroglífica em 1822, data que marca o nascimento da ciência egiptológica, emergindo claramente da egiptomania, então em voga, e da egiptolatria. O importante passo dado pelo jovem filólogo francês seria depois reforçado, em 1824, com a publicação do seu *Précis du système hiéroglyphique des anciens Egyptiens* (em edições póstumas sairão uma *Grammaire égyptienne* e um *Dictionnaire égyptien en écriture hiéroglyphique*). São evocados seguidamente alguns dos nomes ligados ao aparecimento da Egiptologia como Ungarelli, egiptólogo e orientalista, primeiro director da colecção egípcia dos Museus do Vaticano (“Luigi Ungarelli: l’Égyptologie romaine”, pp.145-152); Belzoni e suas actividades no Egipto entre 1815 e 1819, ao serviço do cônsul britânico Salt (“Gianbattista Belzoni: l’exploration du monument”, pp. 153-164); o francês Mariette, que lutou contra as acções de saque dos vestígios faraónicos, incansável escavador, criador do Serviço de Antiguidades e do Museu Egípcio do Cairo, instalado em Bulak (“Auguste Mariette: la découverte et la tutelle des antiquités”, pp. 165-188); o alemão Lepsius e os seus *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien*, e o inglês Flinders Petrie com a sua inovadora “arqueologia vertical” e mais de quarenta anos passados no Egipto, durante os quais foi regularmente publicando os resultados das suas campanhas (“Richard Lepsius et W. M. Flinders Petrie: la méthodologie”, pp. 189-202); os grandes avanços no estudo da língua, da religião e da arte do antigo Egipto estão bem documentados com “Adolf Erman: la littérature et la religion égyptiennes” (pp. 203-210) e com “Gerhard Evers et Jean Capart: la critique de l’art égyptien” (pp. 211-223).

Competiu, naturalmente, à directora do Museu de Turim, Anna Maria Donadoni Roveri, apresentar o acervo egiptológico turinense (“Turin et l’Égypte”, pp. 226-246), recordando o inicial percurso dos materiais recolhidos, desde a colecção real ao Museu Universitário, criado em 1724, que passou a expor objectos egípcios e de outras culturas. Só em 1939 se fez a separação temática entre um Museu Arqueológico e um

Museu Egípcio, que é actualmente um dos mais ricos da Europa e pode orgulhar-se de ter tido os conselhos e a colaboração de Champollion, que lá trabalhou em 1824-1825, levando à prática as suas descobertas filológicas. Por isso, bem se pode reconhecer que "l'égyptologie, née en France, fait ses premiers pas à Turin" (p. 241).

Os nomes de Schiaparelli, Farina, Scamuzzi, entre outros, são lembrados em "L'agrandissement des collections" (pp. 247-264), terminando com "Le siège du musée" (pp. 265-277), que traça o percurso das antiguidades egípcias desde as suas primeiras instalações no Palácio da Universidade, num espaço cada vez mais exíguo devido ao contínuo aumento do acervo, até à sua transferência para o Colégio dos Nobres, depois atribuído à Academia das Ciências, onde hoje está instalado o Museu Egípcio de Turim.

A Obra vai concluir-se com a bibliografia (pp. 278-283) e com o índice de nomes e de lugares (pp. 284-288). Os poucos reparos que se poderão fazer são motivados pelas discrepâncias na redacção de alguns nomes: servem de exemplo os casos do funcionário Sénenmout, assim correctamente escrito na sua forma francesa na p. 191, surgindo depois no índice como Sénemnout (p. 288); Sennedjiem (p. 255) e no índice Sennégien (p. 288); o nome da deusa Hathor aparece adulterado na p. 255 como Athor. Registe-se finalmente que a estátua colossal que na p. 240 se apresenta como sendo de Seti I pertence de facto a Seti II, como certifica o prenome inscrito na cartela: Userkheperuré-meriamon.

Lúis Manuel de Araújo

JOSEP PADRÓ (dir.), *Nilus*, nºs 1 e 2, Societat Catalana d'Egiptologia, Barcelona, 1992-1993, 30 pp., ISSN 1133-53-43

A Societat Catalana d'Egiptologia, cujos membros estiveram em Lisboa em Abril de 1989 para visitar a colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia (na altura ainda em estudo e preparação para exposição) e o Museu Calouste Gulbenkian, valorizou as suas actividades com a criação de uma revista a que deu o nome de *Nilus*. Iremos apreciar os dois números que até ao momento (1994) foram editados, correspondentes a 1992 e 1993.